



Aprendendo a olhar,

Com Alberto Caeiro



*O meu olhar é nítido como um girassol
Tenho o costume de andar pelas
estradas*

*Olhando para a direita e para a
esquerda,
E de, vez em quando olhando para
trás...*

*É o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha
visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...*

*Creio no mundo como num
malmequer, Porque o vejo.*

*Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender*

...



*A criança que pensa em
fadas é acredita nas fadas
Age como um deus doente,
mas como um deus.*

*Porque embora afirme que
existe o que não existe
Sabe como é que as coisas
existem, que é existindo,*

*Sabe que existir existe e
não se explica,
Sabe que não há razão
nenhuma para nada existir,
Sabe que ser é estar em
um ponto .
Só não sabe que o
pensamento não é um
ponto qualquer*



*A espantosa realidade
das coisas
É a minha descoberta
de todos os dias.*

*Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a
alguém quanto isso
me alegra,
E quanto isso me
basta.*

*Basta existir para se ser
completo.*

*O Mundo não se fez para
pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos
olhos)
Mas para olharmos para ele
e estarmos de acordo...*

*Eu não tenho filosofia: tenho
sentidos...*

*Se falo na Natureza não é
porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a
por isso,
Porque quem ama nunca
sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem
o que é amar ...*





*Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar..*



*Ah! querem uma luz melhor que
a do Sol!
Querem prados mais verdes do
que estes!
Querem flores mais belas do
que estas que vejo!
A mim este Sol, estes prados,
estas flores contentam-
me. Mas, se acaso me
descontentam,*

*O que quero é um sol mais sol
que o Sol,
O que quero é prados mais
prados que estes prados,
O que quero é flores mais estas
flores que estas flores —*

*Tudo mais ideal do que é do
mesmo modo e da mesma
maneira!*



Gozo os campos sem reparar para eles.

Perguntas-me por que os gozo.

Porque os gozo, respondo.

Gozar uma flor é estar ao pé dela inconscientemente

E ter uma noção do seu perfume nas nossas idéias mais apagadas.

Quando reparo, não gozo: vejo.

Fecho os olhos, e o meu corpo, que está entre a erva,

Pertence inteiramente ao exterior de quem fecha os olhos

À dureza fresca da terra cheirosa e irregular;

E alguma coisa dos ruídos

indistintos das coisas a existir,

E só uma sombra encarnada de luz me carrega levemente nas órbitas,

E só um resto de vida ouve.



*O espelho reflete certo;
não erra porque não
pensa.
Pensar é essencialmente
errar.
Errar é essencialmente
estar cego e surdo.*

*O único mistério do
Universo é o mais e não o
menos.
Percebemos demais as
coisas — eis o erro, a
dúvida.
O que existe transcende
para mim o que julgo que
existe.*



A Realidade é apenas real e não pensada.



*Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser
cego
Para ver as árvores e as
flores.
É preciso também não ter
filosofia nenhuma.
Com filosofia não há
árvores: há idéias apenas.
Há só cada um de nós,
como uma cave.
Há só uma janela fechada,
e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se
poderia ver se a janela se
abrisse,
Que nunca é o que se vê
quando se abre a janela*

*Quando está frio no tempo do
frio, para mim é como se
estivesse agradável,
Porque para o meu ser
adequado à existência das
coisas .*

*O natural é o agradável só
por ser natural. Aceito as
dificuldades da vida porque
são o destino,
Como aceito o frio excessivo
no alto do Inverno —
Calmamente, sem me
queixar, como quem
meramente aceita,
E encontra uma alegria no
fato de aceitar —
No fato sublimemente
científico e difícil de aceitar o
natural inevitável.*





*Aceito por
personalidade.
Nasci sujeito como
os outros a erros e a
defeitos,
Mas nunca ao erro
de querer
compreender
demais,
Nunca ao erro de
querer compreender
só corri a
inteligência,
Nunca ao defeito de
exigir do Mundo
Que fosse qualquer
coisa que não fosse
o Mundo*



Vivemos antes de filosofar, existimos antes de o sabermos, E o primeiro fato merece ao menos a precedência e o culto.

Sim, antes de sermos interior somos exterior. Por isso somos exterior essencialmente.



*Se eu morrer muito novo, ouçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.*

*Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,
Nem procurei achar nada,
Nem achei que houvesse mais explicação
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.*

*Não desejei senão estar ao sol ou à chuva —
Ao sol quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo (E nunca a outra cousa),
Sentir calor e frio e vento,
E não ir mais longe.*



*Uma vez amei, julguei que me
amariam,
Mas não fui amado.
Não fui amado pela única
grande razão —
Porque não tinha que ser.*

*Consolei-me voltando ao sol e
à chuva,
E sentando-me outra vez à
porta de casa.*

*Os campos, afinal, não são tão
verdes para os que são
amados
Como para os que o não são.*

Sentir é estar distraído.



*Se depois de eu morrer, quiserem
escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples*

*Tem só duas datas — a da minha
nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias
são meus.*

*Sou fácil de definir.
Vi como um danado.*

*Amei as cousas sem sentimentalidade
nenhuma.*

*Nunca tive um desejo que não
pudesse realizar, porque nunca
ceguei.*

*Mesmo ouvir nunca foi para mim
senão um acompanhamento de ver.*

*Compreendi que as coisas são
reais e todas diferentes umas
das outras;*

*Compreendi isto com os olhos,
nunca com o pensamento.*

*Compreender isto corri o
pensamento seria achá-las
todas iguais.*

*Um dia deu-me o sono como a
qualquer criança. Fechei os
olhos e dormi.*

*Além disso, fui o único poeta
da Natureza.*



Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas.

*Para ti tudo tem um sentido velado.
Há uma coisa oculta em cada coisa que vês.*

*O que vês, vê-lo sempre para veres outra coisa. Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significação em todas as coisas;
Vejo-o e amo-me, porque ser uma coisa é não significar nada.*

Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.





*Vive, dizes, no presente,
Vive só no presente. Mas eu não quero o
presente, quero a realidade;
Quero as coisas que existem, não o tempo que
as mede.*

O que é o presente?

*É uma coisa relativa ao passado e ao futuro.
É uma coisa que existe em virtude de outras
coisas existirem.*

*Eu quero só a realidade, as coisas sem
presente.*

Não quero incluir o tempo no meu esquema.

*Não quero pensar nas coisas como presentes;
quero pensar nelas como coisas.*

*Não quero separá-las de si-próprias, tratando-as
por presentes.*

Eu nem por reais as devia tratar.

Eu não as devia tratar por nada.

Eu devia vê-las, apenas vê-las;

Vê-las até não poder pensar nelas,

Vê-las sem tempo, nem espaço,

*Ver podendo dispensar tudo menos o que se
vê.*

É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.



*Tendo ideias e sentimentos por os ter
Como uma flor tem perfume e cor...*

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

*O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.
Que ideia tenho eu das coisas?*

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!

O único mistério é haver quem pense no mistério.

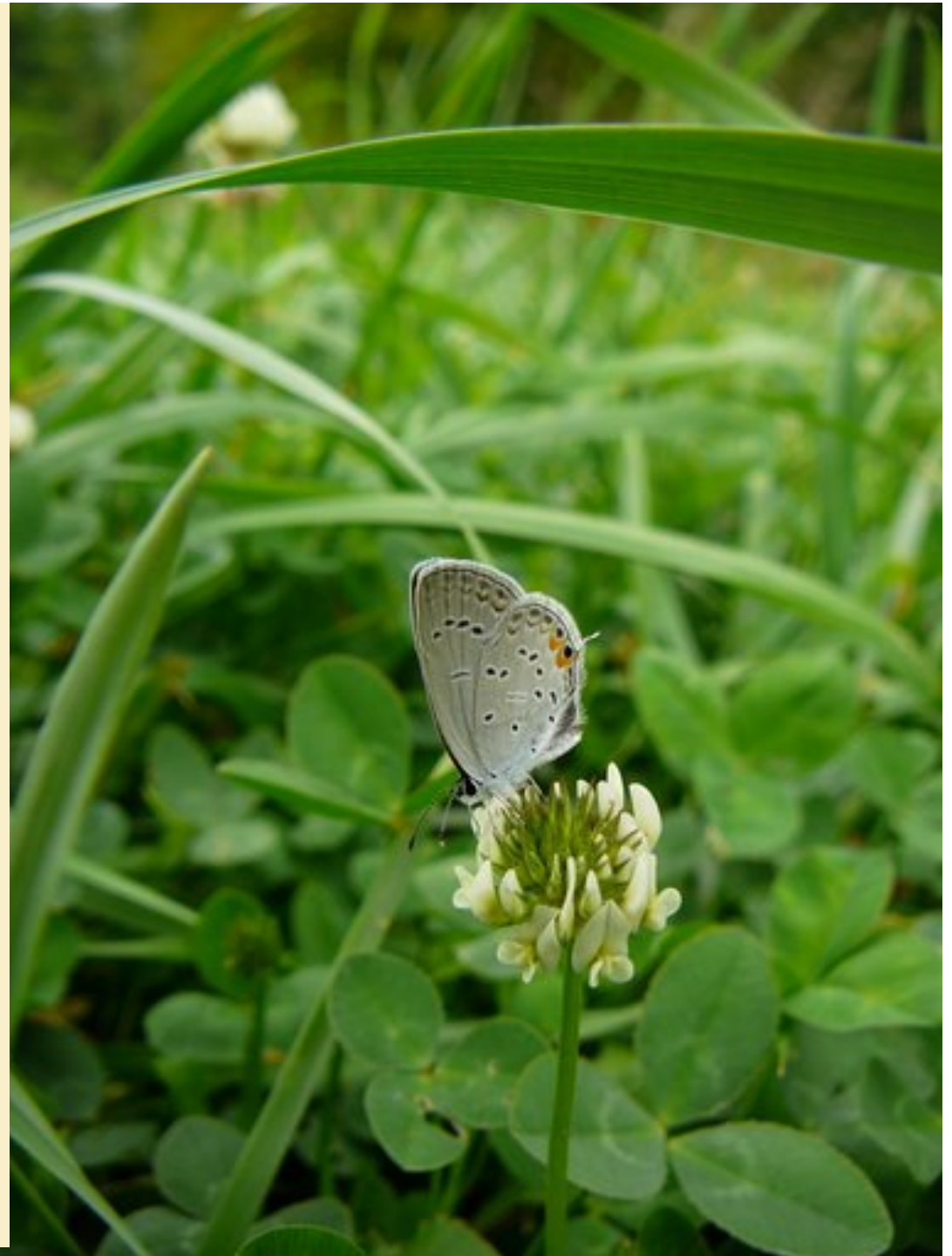
*Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas coisas cheias de calor.*

*Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos*

De todos os filósofos e de todos os poetas.

*Mas se Deus é as flores e as
árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração
e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e
pelos ouvidos.*

*E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que
Deus de si próprio?),
Obedeço-lhe a viver,
espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e
árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora*





*Sejamos simples e
calmos,
Como os regatos e as
árvores,
E Deus amar-nos-á
fazendo de nós
Belos como as árvores
e os regatos,
E dar-nos-á verdor na
sua primavera,
E um rio aonde ir ter
quando acabemos!*



*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.*

*A mim ,o Menino Jesus) ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas.
Aponta-me todas as cousas que há nas
flores.*

*Mostra-me como as pedras são
engraçadas*

*Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas*

*Ele mora comigo na minha casa a meio do
outeiro.*

*Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.*

*É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que
eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,*





*A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.*

*A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.*

*Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.*



*O que nós vemos das
colsas são as colsas.
Por que veríamos nós
uma colsa se
houvesse outra?*

*Por que é que ver e
ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver
e ouvir ?*

*O essencial é
saber ver,
Saber ver sem
estar a pensar,
Saber ver quando
se vê,
E nem pensar
quando se vê
Nem ver quando
se pensa.*



*Mas isso (tristes de nós
que trazemos a alma
vestida!),
Isso exige um estudo
profundo,
Uma aprendizagem de
desaprender
E uma sequestração na
liberdade daquele
convento
De que os poetas dizem
que as estrelas são as
freiras eternas
E as flores as
penitentes convictas de
um só dia.*





*Pensar uma flor é vê-la e
cheirá-la
E comer um fruto é saber-
lhe o sentido.*

*Por isso quando num dia de
calor
Me sinto triste de gozá-lo
tanto,
E me deito ao comprido na
erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo
deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.*



*Se eu pudesse trincar a terra
toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento...
Mas eu nem sempre quero ser
feliz.
É preciso ser de vez em quando
infeliz
Para se poder ser natural...*

*O que é preciso é ser-se natural
e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-
se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a
noite que fica...*

Assim é e assim seja...



*O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se
espanta...*

*Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flores novas nos
prados
Nem mudaria qualquer coisa no sol
de modo a ele ficar mais belo.
(Mesmo se nascessem flores novas
no prado*

*E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flores no prado
E achava mais feio o sol...
Porque tudo é como é
E assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço.
Para não parecer que penso nisso...)*



Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.

Sou místico, mas só com o corpo.

A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber.

É viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.

Vivo no cimo dum outeiro

Numa casa caiada e

sozinha,

E essa é a minha definição



*(Louvado seja Deus que
não sou bom,
E tenho o egoísmo natural
das flores
E dos rios que seguem o
seu caminho
Preocupados sem o saber
Só com o florir e ir
correndo.*

*É essa a única missão no
Mundo,
Essa – existir claramente,
E saber fazê-lo sem pensar
nisso.)*



*Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso,
como quem constrói um muro
E ver se está bem, e tirar se não
está!...*

*Quando a única casa artística é
a Terra toda
Que varia e está sempre bem e é
sempre a mesma.*

*Penso nisto, não como quem
pensa, mas como quem respira,
E olho para as flores e sorrio...*



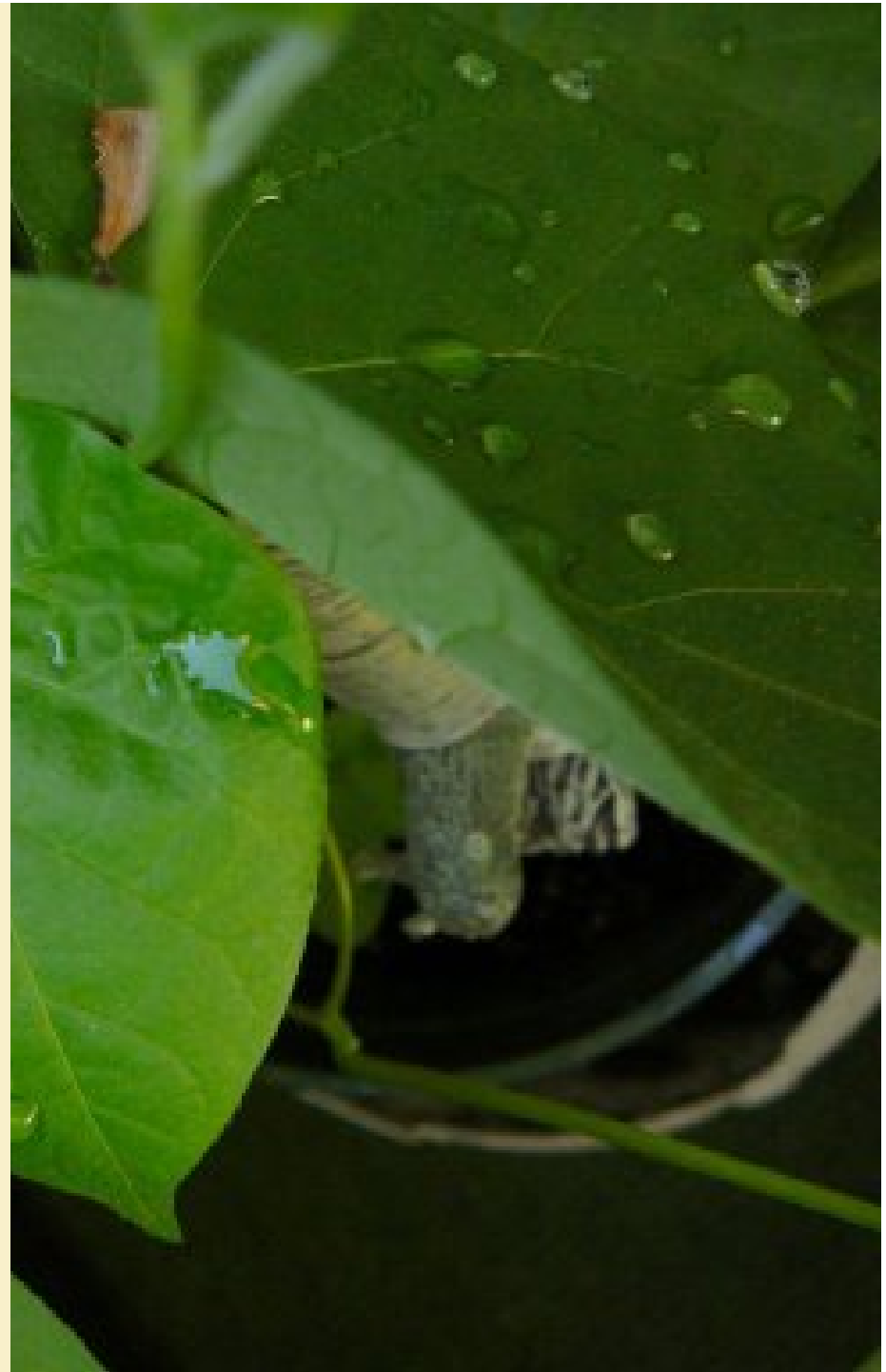
*Não sei se elas (as flores) me
compreendem
Nem se eu as compreendo a
elas,*

*Mas sei que a verdade está
nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver
pela Terra
E levar ao colo pelas Estações
contentes
E deixar que o vento cante
para adormecermos
E não termos sonhos no nosso
sono.*

*Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à
ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.*

*Nem sempre consigo sentir o que
sei que devo sentir.*

*O meu pensamento só muito
devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os
homens o fizeram usar.*





*Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de
lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me
pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções
verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não
Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a
Natureza produziu.*

*Sou o Argonauta das sensações
verdadeiras.
Trago ao Universo um novo
Universo
Porque trago ao Universo ele-
próprio.*



*Passa uma borboleta por
diante de mim
E pela primeira vez no
Universo eu reparo
Que as borboletas não têm
cor nem movimento,
Assim como as flores não
têm perfume nem cor.*

*A cor é que tem cor nas asas
da borboleta,
No movimento da borboleta o
movimento é que se move,
O perfume é que tem
perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas
borboleta
E a flor é apenas flor.*



Porque o único sentido oculto das coisas

É elas não terem sentido oculto nenhum,

É mais estranho do que todas as estranhezas

E do que os sonhos de todos os poetas

E os pensamentos de todos os filósofos,

Que as coisas sejam realmente o que parecem ser

E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: –

As coisas não têm significação: têm existência.

As coisas são o único sentido oculto das coisas.